



GT 063. Saúde e Doença como Experiência, Itinerário Terapêutico e Remédios Caseiros

Laércio Fidelis Dias (Unesp-Marília) -
 Coordenador/a, Reginaldo Silva de Araújo
 (Universidade Federal de Mato Grosso) -
 Coordenador/a

Diante de uma doença, um infortúnio, quando a vida não sorri da maneira como se gostaria, que caminhos percorrer para resolver ou mitigar problemas e aflições decorrentes da doença? Contar as histórias acerca desses episódios talvez seja o que de melhor os seres humanos já elaboraram para orientar a resolução dos problemas práticos e encontrar algum sentido para a realidade desvanecida de sentido diante de um grave problema de saúde. O recurso a diferentes especialistas terapêuticos insere-se numa lógica denominada de itinerário terapêutico; itinerário este que expressa a busca pela cura ou mitigação do sofrimento. De que modo se dá a utilização dos remédios caseiros feitos à base de ervas e outras substâncias animais e minerais na construção do itinerário terapêutico entre as populações indígenas, tradicionais, rurais ou urbanas para solucionar seus problemas de saúde? Como as narrativas acerca destes episódios de doenças trazem consigo os princípios de ordenação e sentido da experiência da doença? O Grupo de Trabalho aceitará trabalhos que oferecem respostas ou reflexões para estas duas questões. O objetivo é selecionar comunicantes que versem sobre a doença e saúde enquanto experiência, como processo de elaboração sociocultural, cuja construção e negociação de seus significados se dá num universo de sistemas médicos diversos e de forças políticas não necessariamente simétricas, e que dêem destaque ou refiram-se a remédios à base de ervas, substâncias animais e vegetais.

‘O câncer não é mais o meu vilão’: estudo de caso sobre as narrativas em torno do câncer

Autoria: Nathália Caroline Dias

Neste artigo, a proposta é compreender como as narrativas em torno do episódio do câncer caracterizam-se como um meio de conferir ordenação e sentido à doença. Para tanto, procedo a análise do estudo de um caso em particular, o da apresentadora de televisão Ana Furtada, que recentemente divulgou em suas redes sociais estar em tratamento contra um câncer de mama. Como explica Susan Sontag (1984), desde o século passado, o câncer tem representado o papel de uma doença impiedosa e misteriosa. Este papel é acompanhado pela noção de que a doença é moralmente, senão literalmente, contagiosa. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar o ‘poder mágico’ que seria atribuído ao próprio nome da doença, uma vez que no imaginário popular haveria o receio de se pronunciar a palavra ‘câncer’ pelo medo de atrair ou de piorar o episódio da doença. Isto posto e tendo como referencial bibliográfico pesquisas sobre a relação entre antropologia e saúde, a experiência e a busca de sentido da doença, realizo a análise das narrativas de Ana Furtada sobre seu tratamento compartilhadas com seus seguidores em suas redes sociais.



Realização:



Apoio:



Organização:

